

OUTROS CORPOS



GURU E FAMÍLIA

À Gatita

Se Badani* fosse um electrodoméstico, seria um que corta, pica e rala o seu interlocutor a milhares de rotações por segundo. Quando fala — talvez se deva dizer, quando monologa —, cofia as extremidades do bigode grisalho com finos movimentos do polegar e do indicador. É impossível estruturar algumas frases para dizer na sua presença. Badani cheira-nos as intenções, adivinha-nos as perguntas, interpreta-nos os gestos, suspeita das nossas palavras. Não é para menos: polígamo, especialista em informática, anticatólico incendiário, erudito sexual e amante de uma liberdade entendida como a capacidade de escolher a que corrente uma pessoa se prende, Badani é também viciado em etimologia. Diz que «família» vem do latim *famulus*, que significa servo. Ele tem seis.

* Desde que a sua vida se tornou pública, Ricardo Badani despertou o ódio de muitos. Chamaram-lhe, não sem razão, machista, desdenhoso, misógino ou homofóbico. Entre outras coisas. O seu discurso orientalista arcaizante fá-lo parecer uma pessoa desfasada que proclama o regresso à ordem em que o macho é o chefe da manada e nós, as suas acólitas. Em todo este tempo, não mudou nem matizou minimamente o seu discurso. Eu, por meu turno, radicalizei-me. Contra as violências, a machista, por exemplo. Nem naquele momento, nem muito menos agora, deixei de divergir dele. Mas a sua história continua a fascinar-me por muitas razões. Que a sua vida esteja à margem de certas convenções sociais não é a menor delas.

O homem mantém uma barba de profeta e um fulgor pre-sunçoso no olhar. Está sentado num sofá da sua loja de *lingerie* e roupa sensual que gere com as esposas num centro comercial de Miraflores, um dos bairros mais comerciais de Lima. Há minutos que me fala de espartilhos, e eu não disse uma única palavra. Toca subtilmente na garganta, sinal para que uma das esposas lhe sirva *Coca-Cola*. Tinha-me anunciado isto, como se dissesse: Agora verás o meu poder. Elas estão sempre atentas às suas necessidades como servas abnegadas, escravas que garantem sentir-se livres. «A escrava e o paladino», eis a sua definição quimérica de casal. Elas passam a ser parte dele, e ele dá a vida por elas. Explicada pelos Badanis, soa a uma qualquer fórmula reciclada para se ser feliz.

Para ele, o combate pela igualdade entre homens e mulheres resulta de uma estupidez erudita, a verdadeira causa da destruição da família. Os machos e as fêmeas unem-se por causa das suas carências, por isso a família é para Badani a óbvia integração de pessoas complementares. Pode comparar-se, diz, com um barco em que as mulheres são os oficiais e os filhos, a tripulação. A tripulação não tem nem voz nem voto. Os oficiais têm voz para aconselhar o capitão, e não têm voto. Mas o capitão Badani é o único responsável pelo barco, a tripulação, a carga, os passageiros, a rota. É o único que tem voz e voto.

Eu espero apenas que me permita recuperar a minha voz.

Na última vez em que o entrevistei na sua loja, deu-me a notícia: «As raparigas gostaram de ti. Deve ser porque fizeste tudo o que te competia.» Antes de o procurar, eu tinha lido o seu *Aspas de molino*, um livro de contos e poemas em que Badani figura na capa vestido de Dom Quixote. O guru estava a par de que visitar a sua casa, ou seja, partilhar um dia no lar da família Badani, era o meu objectivo mais ambicionado. Para aumentar o meu desejo, Badani foi adiando o seu consentimento

tanto quanto pôde. Tinha-se mudado há uns tempos para os arredores de Lima, onde os tentáculos da imprensa nacional não o alcançavam. Já na nova casa, ele e as suas mulheres haviam prometido a si mesmos impedir a entrada de quem pretendesse observá-los outra vez como se se tratassem de animais num jardim zoológico. Nada de jornalistas, que, segundo Badani, eram mercadores de pessoas. Mas ele é como um pai de família que sabe quando deixar de se mostrar inflexível para se tornar benevolente, e perante o qual não resta alternativa além de nos mostrarmos comovidamente agradecidas. Assim, aceitaram receber-me, sem máquina fotográfica, sem gravador, sem bloco de notas. Se até então eu tinha sido a perseguidora e eles, os esquivos, a história estava prestes a mudar.

No dia combinado, telefonei para a loja e atendeu-me uma das esposas. Era Mara Abovich, uma chilena loira e alta que se penteia acomodando a sua pesada e esponjosa cabeleira num dos flancos do pescoço. Tem a responsabilidade de me avisar que Badani me convida a visitar a sua casa de terça a quinta-feira. A oferta consiste em passar duas noites com o guru do sexo e as suas seis esposas num lugar não identificado de Lima. Mara pergunta-me se não era isso que eu queria. E sim, era isso, embora o assunto agora supere as minhas expectativas. Recomenda que leve a minha escova de dentes e, se puder, uns *marshmallows* brancos para dourar à lareira. O caminho faz-se a caminhar, diz o Tao, uma das leituras preferidas da família.

Essa noite, para não destoar, chego à sua loja de saia. «Badani, instrumentos de sedução», lê-se nas etiquetas da roupa à venda. Badani dissera-me que as suas mulheres nunca usavam cuecas. Também — informação não solicitada — que se depilavam completamente, mas não cheguei a esse ponto. Mara, a sexta esposa, segurava vários sacos de supermercado com salsichas italianas e outros pedidos expressos de Badani.

— Tens de me desculpar, mas o Ricardo pediu-me que fizesse isto.

Ia medir a minha aura de honestidade com um detector de câmaras comprado na RadioShack, um dos lugares em que Badani costuma adquirir bugigangas tecnológicas. Mara Irma Abovich é parecida com o seu corpo: mulher de carácter, vigorosa, que infunde respeito de imediato. Há nela um modo de alternar a severidade e o humor ácido que me torna incapaz de não a fitar enquanto fala. Talvez seja a única das seis mulheres que parece não ter sido completamente domada. É a sexta. Dá a impressão de que a mulher insurrecta que traz em si não estará morta, mas apenas adormecida, como se ela própria tivesse preferido ser sempre assim, embora de vez em quando possa deixar escapar uma tirada irónica que Badani finge ignorar. A sexta esposa conta-me que pertence a uma família endinheirada do Chile. A sua história é exemplar para compreender as senhoras Badani. Diz ter sido uma empresária bem-sucedida do sector da decoração de interiores, uma das mulheres auto-suficientes que estão nos antípodas do projecto de família Badani. Comprou para si mesma um luxuoso apartamento e viajou por todo o mundo, mas um dia sentiu que nada tinha sentido. Até que viu Badani numa conferência, a falar sobre tantra.

— O teu namorado não ficou preocupado quando lhe diseste que ias ficar na casa de Badani? — pergunta-me de súbito.

— Para ser sincera, não gostou muito da ideia.

— Ele tem razão — comenta, para minha absoluta surpresa.

Quando visitou os Badanis pela primeira vez, Mara Abovich lembra-se de ter pensado que eram uns loucos que tinham uma vida interessante, mas jamais se imaginaria uma deles.

— E, como vês, tornei-me a sexta mulher dele. É impossível resistir a esta vida. Talvez sejas a sétima.